

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 37 No. 2 Maio - Agosto 2024

RESENHA

ENTRE LUGARES*

Angelica Rodrigues de Oliveira**

Fabiana Comerlato***

Camilla Agostini é arqueóloga cujas pesquisas abrangem vários campos do conhecimento. Autora de uma vasta obra literária composta de artigos científicos premiados, textos literários nos gêneros de poesia, crônica e contos, além de livro de ficção juvenil, todos vencedores de editais e prêmios literários. Especialista em História da África pela Universidade Cândido Mendes (UCAM), mestre em História pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), doutora em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF), pós-doutorado pelo Laboratório de História Oral e Imagem (Labhoi-UFF). Coordena o Núcleo de Estudos de Cultura Material, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e é líder do Grupo de Pesquisa no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) em Estudos de Cultura Material. Atuou como Professora Visitante na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e professora adjunta no departamento de História da Universidade de Vassouras (Univassouras) no Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHIST-UFF e UERJ) e é professora adjunta no Departamento de Arqueologia da UERJ. Membro do Clube da Leitura: Clube de Prosa Narrativa, no Rio de Janeiro, e fundadora, em 2022, do Instituto de Memória e Ação Social (IMAS).

Adentrar a obra da arqueóloga e historiadora Camilla Agostini, *Entre lugares*, elaborada para a coleção Memórias de Paisagens, é uma forma de acompanhar o trajeto da pesquisadora e, ao mesmo tempo, seguir o processo de pesquisa acadêmica da autora e um louvor às histórias que envolvem o mundo das negritudes da cidade de Vassouras/RJ. O Vale do Paraíba é apresentado a partir das imersões na área rural, onde a pesquisadora aproxima as paisagens sociais locais com seus projetos de pesquisa acadêmicos, em diálogo com a comunidade e mestres da cultura popular. Desde seu preâmbulo, a obra nos apresenta uma “Cartografia social ou etnocartografia como exemplo de mediação que nos auxilia na aproximação das paisagens, a partir da perspectiva dos outros” (Agostini, 2022, p. 13). É a pesquisa arqueológica apresentada como forma de dar visibilidade às coisas invisibilizadas e de aproximação das paisagens sociais.

A obra dialoga com o tema da coleção em que está inserida, Memórias de Paisagens, realizada pelo grupo de pesquisa Paisagens Híbridas, cujo foco são as paisagens sociais e as paisagens de pesquisa.

* AGOSTINI, Camilla. *Entre lugares*. Rio de Janeiro: Paisagens Híbridas, 2022. 102 p.

** Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). E-mail: angelica@aluno.ufrb.edu.br.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6434-8810>.

*** Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). E-mail: fabianacomerlato@ufrb.edu.br.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4675-1224>.

A obra está dividida em preâmbulo, seguida do “Primeiro Ato”, subdividido em projeto de pesquisa e campo de atuação. As demais seções são: “Vassouras: o campo da pesquisa”; “Nos caminhos do jongo”; “Mestres e pesquisadores em ação”; “A escrita da dissertação de mestrado”; “Despedida” e “Segundo Ato”, subdividido em “O vento que leva” e “Cenas finais: as salas de aula”. A obra é finalizada com a apresentação da autora.

Após um preâmbulo recheado de chamado à interdisciplinaridade, a autora nos oferece um “Primeiro Ato”, cuja metodologia é traçada a partir da condição existencial momentânea que a levou a “ocupar o mundo fora de casa”, fazendo-a deixar de viver com sua mochila nas costas entre as cidades de Campinas/SP, Rio de Janeiro/RJ e São Paulo/SP para morar em Vassouras/RJ. A pesquisadora traz sua experiência pessoal e suas demandas na vida acadêmica, desnudando-se diante do leitor, destacando suas dificuldades e o crescimento profissional a partir de sua entrega ao trabalho de pesquisadora: “O que já diz sobre o lugar de quem fala. Eu, até então, morava sob a proteção e as condições dos meus pais, um casal branco de classe média alta, heteronormativo” (Agostini, 2022, p. 18). Assim a autora inicia o relato de seu percurso pessoal e profissional, proporcionado pela experiência acadêmica.

Seu campo de pesquisa do projeto de mestrado se dá no arquivo do Centro de Documentação Histórica da cidade de Vassouras. Lá a pesquisadora passou a morar para estudar o cotidiano de africanos escravizados que trabalharam em fazendas de café. Seu intuito era localizar a documentação com a qual lhe fosse possível realizar o levantamento de processos criminais do século XIX, a fim de saber, naquele arquivo, onde estavam tais documentos de toda a região do Vale do Paraíba sul-fluminense.

Camilla Agostini aponta desde o início de sua obra o trabalho arqueológico como forma de aproximação das diversidades brasileiras. Bebe de várias fontes e aponta uma fala do arqueólogo Paulo Seda que se refere à formação da arqueologia como uma disciplina elitista, porém com o grande legado de que “[...] fora a Arqueologia que o levava aos rincões do Brasil!” (Agostini, 2022, p. 19). É com essa missão que se lança em pesquisas na chamada “cidade dos barões”, sua escolha de campo de pesquisa de mestrado. Em busca de entender os “referenciais identitários próprios nessa situação de violência e opressão, qual o papel desses referenciais e como eles se transformaram no contexto da escravidão” (Agostini, 2022, p. 21).

Sua pesquisa em história não pôde se desvencilhar totalmente da pesquisa arqueológica. Estava atravessada sempre pela sua vivência como estagiária das professoras Tania Andrade Lima e Ana Cristina Souza, quando atuava no projeto Arqueologia histórica no Rio de Janeiro: o século XIX e se debruçava sobre *Caminhos enquanto artefato* (Agostini, 2022, p. 23).

O uso de cachimbos por africanos e seus descendentes é seu objeto de pesquisa de mestrado. A autora escolhe o recorte temporal do período da escravidão no Brasil para discutir o uso desse artefato como “miudezas repletas de expressões estéticas que instigavam a imaginação da aprendiz” (Agostini, 2022, p. 23). No âmbito da linha de pesquisa em História Social e Cultural da Unicamp discute as identidades sociais; enquanto arqueóloga, tenta realizar sua pesquisa no campo da etnicidade, digerindo seu embate arqueóloga versus historiadora quando afirma ser o espírito de forasteira que a impulsiona em todas as etapas da pesquisa.

Debateu-se sempre a partir da premissa de compreender esses espaços sociais e sua formação. Afirma ainda que todas as etapas da pesquisa acadêmica foram movidas pela pergunta “Quem são e de onde vieram os povos africanos escravizados em Vassouras?”, buscando na cultura material alguma evidência para sanar a questão, além da busca por quilombos que contassem de suas experiências e resistências. Combinou coleções arqueológicas e obras de viajantes naturalistas para entender como as miudezas feitas para pitar eram utilizadas pelos descendentes da África.

Seu campo de pesquisa se transforma em palco de encontrar amigos, pesquisadores e mestres jongueiros, e seus trabalhos acadêmicos se alongam até mesas de bares e outros espaços comunitários onde se debateu a África e os africanos por meio da encenação teatral da história

de Manoel Congo, o mártir da luta contra a escravidão, enforcado por liderar a fuga de mais de quatrocentos escravos, “que tentavam romper com o jugo do cativo” (Agostini, 2022, p. 32).

A sabedoria popular e o saber acadêmico que a pesquisadora combinou envolveram os mestres no processo de produção dramática, em que se construiu o cenário para o encontro de um Caxambu e outros referenciais do contexto escravocrata, orientando-se teoricamente pelos trabalhos do historiador Stanley Stein, *Vassouras: um município brasileiro de café (1850-1900)*, e as vivências dos mestres jongueiros para conhecer seus ritmos utilizados no Caxambu, no Jongo, com seus instrumentos e encenação características.

O percurso pelos lugares onde se realiza a história da opulência das fazendas de café no período escravocrata de Vassouras e suas ações que geraram a destruição da fertilidade dos solos ainda sugerem na cidade que “As figueiras enfileiradas atrás da igreja representam, cada uma, um barão” (Agostini, 2022, p. 36). Sua pesquisa desemboca em caminhos na busca pelos quilombos e vai localizando outras referências, como a passagem em que aventa a possibilidade de Vassouras ser conhecida como a cidade de Pixinguinha. A partir de sua aproximação com fotografias antigas – em uma das quais, autografada, o choro do artista é percebido – o tema leva a pesquisadora a dialogar “com o suporte da tradição de serestas da cidade de Conservatória, não longe dali” (Agostini, 2022, p. 37).

Chega a pedreiras, onde está localizado o Memorial Manoel Congo, a Pedra de João Moleque e outros lugares identificados a partir do levantamento de 127 processos criminais, um conjunto que permitia a leitura de casos interessantes, além do olhar para toda a série, que compreendia processos de 1820 a 1880, com africanos, africanas e afrodescendentes arrolados como réus, vítimas ou testemunhas (Agostini, 2022, p. 41). A coleção permitiu a criação de bancos de dados e formação de índice para busca facilitada, enriquecidos pelos mapas representados pela vizinhança e pela rede de relatos orais, em que Camilla Agostini analisa a perspectiva fenomenológica das paisagens sociais estudadas, apresentando sua observação e trajetória nesses lugares.

As parcerias realizadas pela pesquisadora no decorrer de seu trabalho com comunitários e mestres da cultura popular em seus lugares cotidianos, acrescidas do espaço acadêmico, eram agora inseridas no contexto da encenação da fuga dos escravizados que haviam sido liderados por Manoel Congo. Protagonistas locais, desde Carina e seus parceiros de Tai Chi e Kong Fu, até seresteiros, feirenses e artesãos locais, como Edinho Bambu, “que vivia entre uma casa na cidade e um rancho todo feito de bambu no alto de uma colina, de onde se via a cidade, mas sem ser visto por ela” (Agostini, 2022, p. 46), apresentaram à pesquisadora os jongueiros da região, com destaque para o líder tio Juca do Morro da Caixa d’Água, em Barra do Pirai/RJ, quando houve a aproximação com o batizado de tambores centenários “para que voltassem a falar” (Agostini, 2022, p. 52). Os tambores estavam em desuso há muito tempo e a comunidade estava levando-os para a Casa da Cultura de Vassouras e, antes disso, acabaram rompendo o silenciamento destes por meio da realização do ritual que ocorreu com a presença de tio Juca, diversos músicos e etnomusicólogos e pesquisadores, evento regado a uma “iguarria centro-africana à base de jiló e carne seca” (Agostini, 2022, p. 59).

A região vale-paraibana apresenta a Camilla Agostini o mundo negro rural a partir de suas observações, e em suas andanças por esses espaços a aprendizagem vai dialogar com a escrita de sua dissertação de mestrado. O teatro realizado nas escolas com os mestres locais, a elaboração do seu projeto de doutoramento sobre a Pedra de João Moleque e as comunidades de florestas, a realização de uma roda de Caxambu no adro da igreja matriz de Vassouras são algumas de suas vivências de campo, além de serem ponte para o diálogo sobre o reclame da população sobre a Chácara Hera como espaço negro.

As experiências nas comunidades permitiram à pesquisadora ir geograficamente se deslocando e, entre a riqueza de uma gama de informações até então desconhecidas, se munir de temas de interesse de pesquisa acadêmica. Seu ineditismo e contribuição para a ciência e para o patrimônio

daquelas comunidades negras a impressionam de tal maneira que esta acaba desacreditando do mundo acadêmico.

É em *O vento que leva* que a pesquisadora retoma seus relatos sobre as etapas da pesquisa, no campo pessoal e acadêmico, encantos e desencantos que o percurso lhe causou, enfocando sua volta para a casa do Rio de Janeiro. Após uma jornada em vários trabalhos, ainda em deslocamentos geográficos, em muitas profissões, inserida em atividades de arqueologia de contrato, executando atividades em campo e localizando semelhanças entre as matas que pesquisou e as cidades de São Paulo, Campinas e Rio de Janeiro em suas imersões arqueológicas, convida o leitor para a extraordinária viagem de *Entre lugares*, apresentada por sua memória forasteira e inquieta.

A sala de aula como cena final é o grande marco que a arqueóloga e historiadora nos oferta ao final de seu texto. Sua efetivação como docente da UERJ é apresentada como resultado de suas análises entre tantos lugares percorridos, dos estudos da diáspora africana, arqueologia histórica, antropologia, história, comunidades tradicionais nas unidades de conservação ambiental. É na UERJ que desenvolve o projeto Campos e saberes: prática de pesquisa interdisciplinar na extensão da sala de aula, em que o palco do ensino/aprendizagem é o espaço público, em diálogo com espaços museológicos e similares, envolvendo alunos de arqueologia e área próximas.

“Cenas finais: as salas de aula” é o desfecho da obra em que o diálogo com suas pesquisas afro referenciadas podem ganhar um novo fôlego e ampliar a discussão da arqueologia com o campo da memória social, bebendo da rica trajetória que a autora oferece ao leitor desde o preâmbulo da obra, abordando seu percurso entre os tantos lugares cuja memória vai fazendo com que quem leia a obra sinta cada impressão, cada dúvida, cada falta de resposta, além de suas leituras sobre os lugares que buscava em suas pesquisa em campo, mostrando de maneira quase tátil os caminhos que trilhou entre tantos lugares que foi deixando, às vezes, a impressão de que há textura em suas pedreiras, tambores e danças. Deixa a vontade de percorrer esses lugares com o olhar recheado das impressões que a pesquisa desperta. “Revendo essas andanças, agora, fico pensando se o rancho do Edinho e o local na mata para onde nos levaram não foram os quilombos que eu procurava” (Agostini, 2022, p. 63). O diálogo com tantas linguagens do conhecimento, tendo a arqueologia como metodologia que provoca o diferencial nessa discussão sobre paisagens, nos impulsiona a pensá-las de forma ampla. No viés da interdisciplinaridade, apresentando a paisagem contemporânea como tema em que se pode aproximar passado e presente a partir de uma cartografia social e reviver paisagens esquecidas e/ou silenciadas.

Palavras-chave: arqueologia; etnocartografia; Vassouras; africanos escravizados; lugares.

Keywords: archaeology; ethnocartography; Vassouras; enslaved Africans; places.

Palabras clave: arqueología; etnocartografía; Vassouras; africanos esclavizados; lugares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINI, Camilla. *Entre lugares*. Rio de Janeiro: Paisagens Híbridas, 2022. 102 p.